

SABER E PODER NA MEDICINA
Um estudo da medicina atual segundo as categorias
analíticas de Michel Foucault

RESUMO

Cinara Lerrer Rosenfield

O trabalho é um estudo da medicina atual a partir das categorias analíticas propostas por Michel Foucault. Através da análise do discurso médico buscou-se elucidar os mecanismos de poder enquanto instrumento de análise capaz de explicar a produção de saber. O discurso, enquanto articulação, por excelência, entre saber e poder, é o objeto de análise capaz de revelar as condições de existência dos saberes: análise do que dizem, como dizem e porque dizem.

Na busca do discurso médico, foram feitas entrevistas, em um hospital-escola na cidade de Porto Alegre, entre médicos assistentes (professores) e médicos residentes (recém-formados que se encontram em treinamento prático-teórico na hospital). Ao contrário das análises históricas de Foucault, colheu-se o discurso interno da instituição no instante mesmo de sua prática.

Nosso intuito, neste trabalho, é associar, em termos de análise do discurso, as duas etapas da trajetória teórica de Foucault: a arqueologia e a genealogia. Para tal, buscou-se as regras de formação interna do discurso médico (arqueologia) e explicamos esta formação à luz das relações de poder (genealogia). A **arqueologia** descreve conceitualmente a formação dos saberes, sejam eles científicos ou não, a fim de estabelecer suas condições de existência. Dito de outra maneira, a arqueologia procura estabelecer as condições históricas de possibilidade internas ao próprio saber. O saber tem uma existência independente de sua possível transformação em saber científico. Para a arqueologia, a ciência é um discurso que tem a pretensão da verdade e o saber é um nível específico de análise. O saber funciona mesmo como condição de possibilidade à ciência. Há um deslocamento da epistemologia e seu objeto ciência para a arqueologia e seu objeto saber. Enquanto a epistemologia subordina a verdade à ciência, a arqueologia dispensa qualquer critério de veracidade e de validade. O objeto de análise da história arqueológica define-se como sendo uma ordem interna constitutiva do saber ou episteme. A episteme é a configuração que o saber assume em determinada época. A episteme é global, profunda e homogênea. As contradições são efeitos de superfície, assim como as opiniões. Uma época determinada caracteriza-se por uma única episteme. A arqueologia é uma história descontínuista, mas de uma maneira mais vasta que a ruptura epistemológica: tem a extensão da própria episteme. A ruptura, no entanto, não possui qualquer lógica uma vez que a arqueologia não considera o progresso do saber rumo a uma verdade maior. Já na **genealogia**, fase seguinte da obra de Foucault, os saberes, até agora analisados segundo suas possibilidades internas de formação, passam a ser explicados como elementos de um dispositivo de natureza essencialmente política. A genealogia é uma análise histórica das condições políticas, e não mais internas, de possibilidade dos discursos. Introduce-se a questão do poder como instrumento de análise capaz de explicar a produção dos saberes. O autor efetua um deslocamento da questão do Estado em suas análises sobre o poder. Deslocamento do espaço da análise e do nível em que esta se efetua. Privilegia o poder em suas extremidades, atenta a suas formas locais e à investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado do corpo. É o que Foucault chamou de micro-poderes, por se restringirem a uma delimitada área de ação que é analisada em termos de instituição. Os poderes funcionam como uma Rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa. O poder não é uma coisa; é uma prática, é uma

relação. Afirmar a positividade do poder no sentido de que não é só destrutivo, possui também um caráter produtivo. Por isso tem como alvo o corpo humano, para adestrá-lo visando o binômio utilidade (econômica) – docilidade (política). O poder produtivo é o que Foucault chamou de poder disciplinar. As relações de poder criam o homem adequado. E, na medida que o saber tem sua gênese em relações de poder, o indivíduo é uma produção do poder e do saber. Através de nossa pesquisa, chegou-se a uma “infra-estrutura” do saber médico, constituída, de uma maneira geral, pelos seguintes postulados: 1) a relação médico-paciente não pode prescindir da confiança deste naquele – “a confiança vem de baixo, a autoridade vem de cima” (Seyès); 2) o exame médico é a cristalização da combinação entre saber e poder: combina-se a necessidade de observar (vigilância hierárquica do médico sobre o paciente) e o direito de impor uma sanção normalizadora. É a associação do punir com o curar. A prática da confissão é indispensável ao diagnóstico e eficaz na cura. Através dela e de sua decifração é que se constrói a verdade sobre a doença; 3) os médicos admitem a autoridade do conhecimento. O médico decide o que é bom e o que é mau para seu paciente. E o paciente deve conferir uma credibilidade ao médico que resulta em uma autoridade. Este poder é inerente à relação médico-paciente, é sua característica técnica. É um discurso de mestre sem partilha. Não há lugar de onde julgá-lo, ele é o único detentor de seu saber; 4) a vida é para o saber médico uma entidade suprema. Nada está acima dela e por ela tudo se justifica. O médico é árbitro absoluto e nenhuma razão pode suplantar aquela que defende a vida; 5) os médicos exercem uma profissão difamada. Há a necessidade de limpar a atividade médica, de reconstruir a imagem do médico. Trata-se de formar um todo uno para enfrentar as adversidades externas: a crítica dos leigos; 6) no intuito de construir um novo médico, o discurso é humanista e humanitário. Seu objeto é o homem e a relação médico-paciente privilegia a relação emocional.

No entanto, o saber médico não aparece como um todo absolutamente homogêneo. Entre médicos assistentes e médicos residentes encontramos também profundas diferenças. Enquanto o médico assistente constrói um discurso anti-crítica - discurso do bom médico - tomando para si as severas críticas de desumanização e crescente materialização da medicina (e o faz dividindo os médicos entre bons médicos e maus médicos); o médico residente vive e expressa a contradição e a controvérsia de sua realidade - o confronto entre a sua realidade concreta e seus ideais de uma outra medicina. Enquanto o primeiro cria uma relação simétrica entre médico e paciente, o segundo afirma a assimetria desta relação e mais a da sua relação para com os assistentes (supervisionado - supervisor)

Ora, em Foucault as epistemes aparecem fechadas em si mesmas. Sua mutação, de uma para outra, independe de qualquer lógica na medida que se desconsidera a evolução do conhecimento rumo a uma verdade maior. São também homogêneas, não há rupturas no seu interior. No entanto, a pesquisa evidencia uma episteme não de todo homogênea. Há rupturas, clivagens que não são suficientes para instaurar uma nova episteme mas evidenciam a existência de oposições em seu interior. Foucault diria que é doxologia, mas parecem-nos mais germes de transformações; ou reminiscências do passado ou idéias do futuro.

A análise proposta por Foucault apresenta ainda outras limitações. Constata-se o poder e seus mecanismos mas não porque é conquistado, empregado ou conservado. Não se explica sua existência e nem sua inserção na totalidade social.

Saber e poder são absolutos. A onipotência e a onipresença do poder enfraquecem sua força explicatória. No entanto esta abordagem apresenta a riqueza de transformar a maneira de como pensar. Esta nova maneira de ver o passado - visto Foucault ter feito exclusivamente análises históricas - trouxe uma nova luz para a compreensão do presente. A abordagem proposta pela análise dos micro-poderes desvenda formas e níveis de poder que até então passavam despercebidos pelas teorias políticas universalizantes. Se por um lado peca pela falta de entendimento global da sociedade, por outro sua riqueza consiste em analisar as relações de poder presentes na vida cotidiana, concreta dos indivíduos. A possibilidade de tratar a articulação entre o entendimento da totalidade social e a vida concreta dos indivíduos - e suas possibilidades de micro-resistências e macro-transformações - seria o caminho a ser seguido no sentido de uma análise mais rica sobre o binômio saber-poder./